

Monteiro Paulo, traz o modo de registrar as descrições das experiências vividas por meio de filmagens. Os autores destacam cenas significativas ao procederem às análises e expõem o significado de cenas e de cenas significativas. Evidenciam como efetuam essas análises e de que maneira vão além do descrito. Esses momentos são exemplificados mediante recortes de pesquisas efetuadas.

“Análise qualitativo-fenomenológica de projeto pedagógico” é o título do Capítulo 7 deste livro ora apresentado. Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Luciane Ferreira Mocrosky e Ana Paula Purcina Baumann, mostra o modo pelo qual temos procedido fenomenologicamente à análise de projeto pedagógico. Evidencia significado de projeto, de projeto pedagógico e, mediante exemplos extraídos de pesquisas efetuadas, mostra o processo de transcendência, rumo à interpretação dos dados, a partir do texto institucional que expõe o projeto pedagógico. Nos casos analisados, e que constituem exemplos desta análise, são projetos de cursos específicos de graduação.

Este é o teor do livro e sua proposta. Sugerimos ao leitor que não leia nenhum dos capítulos isoladamente, pois um, na maioria das vezes, solicita a leitura de outros.

Maria Aparecida Viggiani Bicudo
São Paulo, 23 de janeiro de 2011

Capítulo 1

A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos*

Toda investigação solicita que se fique atento às concepções concernentes à realidade do investigado, abrindo campo para a compreensão do solo em que os procedimentos, aventados para a consecução da pesquisa, serão desdobrados. Esse é um cuidado prévio, a ser assumido pelo investigador, no momento em que vai em direção à explicitação dos procedimentos de investigação. A consonância entre as dimensões ontológicas e epistemológicas “do quê” e “do como” se investiga o investigando confere um grau de confiança que transcende as análises apenas baseadas em cálculos e em explicitações de procedimentos metodológicos, devidamente esclarecidos. É nessa trama tecida por tais considerações que o *lógos*, entendido como pensamento articulador que se doa à inteligibilidade, presente na palavra *metodologia*, evidencia-se, diferenciando-a de método.

É importante trazer este assunto ao debate da metacompreensão da pesquisa, uma vez que no cotidiano do mundo da investigação científica, hoje, é premente que sejam expostos os procedimentos de pesquisa, ou sua metodologia, na busca de conferir-lhe graus de confiança. Entendemos

* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Professora Titular de Filosofia da Educação da Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.

que a importância atribuída ao método, embora ele possa ser compreendido como desdobramento de questões epistemológicas, é importante, porém, muitas vezes, apartada de possíveis questionamentos sobre a realidade do investigado.

Indagar sobre a realidade do investigado pode causar, à primeira vista, estranheza, pois a tendência daqueles que se pautam em concepções de conhecimento "pós-modernas" é negar a realidade como existindo em si e passível de ser conceituada positivamente, afirmação com a qual concordamos. Entretanto, ao pensar desse modo e não aprofundar a interrogação sobre o quê se pesquisa, isto é, sobre as características disto que está sob investigação, acaba por enfatizar a produção do conhecimento, destacando os aspectos sociais e históricos que contextualizam processos cognitivos e linguísticos constitutivos dessa produção e, muitas vezes, negando a possibilidade de se falar em realidade. Não queremos levantar um mal-entendido *a priori* sobre este tema — realidade — na medida em que poderia levar à interpretação de que compreendemos realidade como separada dos processos *histórico, social, linguístico e cognitivo*, o que não é o caso. A realidade mundana, do modo como a compreendemos, mostra-se na teia desses processos os quais são sempre complexos.¹

Compreendemos, como exposto em *Fenomenologia: confrontos e avanços* (Bicudo, 2000), que construção/produção da realidade e construção/produção do conhecimento são faces de um mesmo movimento, de maneira que ao investigador consciente que sempre se pergunta "quais as características do que quero conhecer?" e "como proceder para avançar no conhecimento disso que me proponho a conhecer?" já não satisfazem

1. A Fenomenologia não nega o mundo, embora não o tome como uma coisa em si, mas sim porque o compreende como um solo em que nos movemos já e sempre com os sentidos e significados que constituem a realidade em que estamos. De um modo geral, filosofias denominadas pós-modernas trabalham com a complexidade dessa rede, focando significados e processos de significações, fazendo um corte com a dimensão hiletica da experiência vivida no e pelo corpo-próprio. Este também é denominado *corpo-encarnado*, entendido como intencionalidade motriz e ponto zero do qual as perspectivas se alinham na visibilidade do que se mostra, e assume importância na obra husserliana, uma vez que carrega as ideias de materialidade da intencionalidade, do psíquico e do espírito. Aos que se interessarem pelos aspectos hileticos da experiência ver Ghigi (2003).

respostas lineares, cuja lógica se sustenta em fundamentos teóricos, tomados como *verdades*, ainda que transitórias e aproximáveis que sustentam e conduzem respostas, tomadas agora como corretas, se forem logicamente coerentes. Ou seja, a busca pelas suas respostas não se sustenta se o pensamento em processo for pautado em uma lógica linear, que se estrutura em termos de antes e depois, de causa e de consequência.

Se seguíssemos essa lógica linear, haveria necessidade de conhecermos as características do investigado para poder investigá-lo. Seguindo-a, acabaríamos por penetrar em um círculo vicioso, confundindo-se o "o quê" e "o como".

Porém aquelas perguntas se mostram procedentes se assumirmos a complexidade do "ser sendo", ou seja, se concebermos que somos à medida que nos tornamos, fazendo, acontecendo. Isso significa que o "é" não se deixa aprisionar no instante do seu acontecimento; que não é estático; que sempre traz consigo o que antecipa em termos de possibilidades de acontecer e o que realizou em acontecimentos pretéritos e retidos na lembrança e em suas expressões sociais, históricas e culturais. Em uma palavra: ele é, sendo.

Essa concepção permite que se fale em construção da realidade e construção do conhecimento dando-se em um movimento de ser e de conhecer. De onde o epistemológico não se separa, do ponto de vista do seu processo de produção, do ontológico. Porém, podem se separar nos desdobramentos da compreensão do produzido, uma vez que este, o produzido, se deixa captar na teia de expressões cujos significados se configuram e iluminam conforme os contextos em que são olhados. Nessa dimensão, podemos destacar o produzido e os modos pelos quais se dá a conhecer pela linguagem, reunindo e separando aqueles significados e respectivas expressões, em regiões de conhecimento e em categorias de realidade. Ao proceder desse modo, podemos, desavisadamente, cair prisioneiros de uma pseudodefinição de realidade, ambigualmente interpretada como existindo de modo estático.

Essas considerações mostram-se pertinentes à metacompreensão da pesquisa em qualquer região de inquirido. Ao particularizar uma região, paradoxalmente, o campo de preocupação se amplia e aprofunda, con-

duzindo o pensar em direção à complexidade das interrogações de fundo que a habitam.

Como o tema deste livro é a pesquisa qualitativa, primordialmente aquela efetuada na região de inquérito da Educação e das Ciências Humanas, em geral, ainda que possa também abranger a produção de conhecimento em outras áreas, faremos um exercício de atenção deliberado, tomando esse tema como foco de nossas análises e reflexões.

Já de imediato chamamos a atenção do leitor para o significado de qualitativo, adjetivo que modifica a modalidade de pesquisa. No cotidiano acadêmico costuma-se opor pesquisa qualitativa à pesquisa quantitativa, muitas vezes tomando como dado que essa indicação já define e informa sobre os procedimentos investigativos, não demandando maiores indagações.

O qualitativo da pesquisa informa que se está buscando trabalhar com qualidades dos dados à espera de análise. Entretanto, *qualidade* é compreendida de muitos modos e, também, como diz Roth (2005), os processos da vida são quantitativos e qualitativos, de tal maneira que, em última análise, fica difícil separar o qualitativo do quantitativo. Visando não se perder no emaranhado do qualitativo/quantitativo, Roth afirma que “seria muito melhor falar a respeito da extensão em que os pesquisadores fazem inferências sobre a *generalizabilidade* ou *transferibilidade* dos achados da pesquisa para outros contextos. Descrições de contextos e situações específicas não são facilmente generalizáveis ou transferíveis para outros contextos, enquanto resultados de pesquisas estatísticas admitem tais generalizações com maior facilidade” (Roth, 2005, p. xxiv).

Entretanto, ainda que tenhamos clareza da complexidade em que essa questão se enreda, diremos “pesquisa qualitativa”, pois além de ser um nome que tem designado modos de pesquisar, e que, pelo menos aqui no Brasil, tem sido um recurso amplamente utilizado para definir procedimentos, nós assim a denominaremos para dar maior destaque às nuances das qualidades percebidas e trabalhadas como dados da investigação.

Queremos destacar o lugar comum em que, muitas vezes, a denominação pesquisa qualitativa cai, alertando a nós mesmos pesquisadores.

Conforme investigação que efetuamos (Bicudo e Paulo, 2009), é comum que pesquisadores se refiram a essa modalidade de pesquisa, dizendo apenas, em uma generalidade vazia, *conforme tal e tal autor/es esta é uma pesquisa etnográfica, ou estudo de caso etc.*, em uma tentativa de informar ao leitor sobre seus procedimentos e de legitimar a pesquisa efetuada, visando a criar graus maiores de confiabilidade do obtido, revalidando, desse modo, teses positivistas. Entretanto, os títulos citados, que sustentam essa intenção, em sua maioria, fornecem um panorama geral sobre pesquisa qualitativa e sobre algumas modalidades, sem adentrar meandros pelos quais a complexidade da pesquisa flui e muitas vezes se enrosca.

Ao longo dos capítulos deste livro, buscamos focar a pesquisa qualitativa, como dissemos, destacando aquela efetuada em Educação, em especial, e trazendo as concepções a respeito de realidade e de conhecimento que sustentam os procedimentos efetuados, bem como, explicitando os próprios procedimentos acompanhados de exemplos.

Do significado de pesquisa

O significado de pesquisa, ainda que possa parecer dado e de conhecimento comum aos que habitam a academia e instituições de investigação, carece de esclarecimento. De um modo geral, fala-se sobre como fazer pesquisa, mas não se foca *o que é pesquisa* (Guba e Lincoln, 1985; Bogdan e Biklen, 1994). Roth (2005) ao longo do livro *Doing Qualitative Research* também não foca essa interrogação, mas trabalha o *fazendo* pesquisa, à medida em que traz os embates travados na experiência vivida de formular a pergunta, o projeto, os modos de proceder, avançando por aí. Com isso vai povoando o texto com preocupações que podem indicar estar a interrogação “o que é isto, a pesquisa qualitativa?” subjacente ao *fazendo*.

Em trabalhos prévios (Bicudo, 2000, 2004, 2005) demoramo-nos na tentativa de trazer ao leitor significados possíveis de pesquisa qualitativa, abordando a interrogação pelo viés de lógicas que sustentam procedi-

mentos investigativos, conforme a concepção de ciência assumida, e na tentativa de explicitar o que o termo "qualidade" indica. Acreditamos que essas questões estão no cerne do significado, de possíveis sentidos e processos de significações de *pesquisa qualitativa*.

Esse nosso entendimento nos conduz a discordar de Roth (2005) quanto à possibilidade de caracterizar a pesquisa qualitativa pelas características de generabilidade e transferibilidade dos achados, ainda que concordemos com a afirmação de que tais aspectos estejam na teia de sentidos que se enrolam na complexidade da "pesquisa qualitativa", uma vez que eles já explicitam modos de compreender a realidade, ou seja, sustentam-se em concepções sobre realidade assumidas pelo ato de pesquisar, de modo claro ou não.

A seguir, vamos explorar algumas articulações entre generalidade, generalização, transferibilidade, concepções de realidade e lógicas que sustentam modos de perquirir, na tentativa de fazer um exercício de esclarecimento de sentidos e significados de *pesquisa qualitativa*.

Generalização e transferibilidade de resultados são ações sustentadas por um raciocínio de inferência passível de ser efetuado a partir de investigação denominada, grosso modo, de quantitativa e cujas análises são efetuadas mediante contagem (que inclui mensuração) e cálculos estatísticos que se abrem às interpretações. Estas seguem a lógica da pesquisa que parte de estudos teóricos sobre o assunto investigado, os quais são articulados e postos como um quadro teórico que fundamenta a investigação e respectiva interpretação. A própria ferramenta que a estatística coloca à disposição já informa o grau de certeza e confiabilidade dos resultados obtidos, sustentando graus de generalizações. Entretanto, é importante considerarmos nuances de modalidades desses processos de transferência e de generalização de compreensões que ocorrem com investigações efetuadas qualitativamente. Por exemplo, ao ler uma tese sobre prática em sala de aula e buscar realizar ações similares à própria prática em outra sala, ambos os mecanismos ocorrem. Generalização, no sentido de que um estudo de caso apresentado na investigação efetuada pode ser um representante, entendido no sentido matemático, de todos os casos semelhantes. A transferência entendida no sentido de que ações

efetuadas no desenrolar daquela pesquisa específica podem ser efetuadas em outras situações com possibilidade de sucesso similares. Em regiões de inquérito como a da medicina, a pesquisa qualitativa é amplamente usada e os mecanismos de generalização e transferibilidade são mais explícitos. Estuda-se um caso com o intuito de generalizar procedimentos de cura para vários casos. O que muda entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, no que concerne à generalização e à transferibilidade, é a concepção de certeza e a de repetição exata, ainda que probabilística, de ocorrências.

Uma questão de fundo que se mostra a um escrutínio mais aprofundado é sobre o que se conta na contagem. Sabemos que a unidade significa reunião de aspectos de um dado objeto passível de ser exposta numericamente. O contado é a reunião desses aspectos. Como são esses aspectos olhados/observados de modo que se doem à reunião e respectiva explicitação e denominação como unidade? Essas perguntas conduzem a investigação para a qualidade do objeto observado e para os modos pelos quais essa qualidade é percebida, articulada e comunicada.

O que estamos querendo dizer é que a qualidade está no âmago da quantidade. Entendemos que no processo de contagem e respectivos modos de expressão, houve uma cisão entre os atos, desdobrados em ideias de unidade, numeração, contagem etc., apresentados como produtos, levando a uma visão de que a exatidão assim obtida e cálculos possíveis são tão e somente objetivos e exatos.

Entretanto, afirmar que a qualidade está no núcleo da quantidade não significa que toda pesquisa pode ser quali-quantitativa concomitantemente, apenas por termos compreendido essa amarração de sentidos.

A pesquisa quantitativa trabalha a partir do momento em que o objeto investigado é assumido pelo investigador como contável/mensurável. A lógica desse procedimento carrega consigo a separação daquele que conta e do contado. Ou seja, a separação entre sujeito e objeto. Sujeito — aqui, neste caso, o pesquisador — que conhece a teoria e a assume como um quadro consonante e compatível com a problemática de sua investigação, que observa o objeto, conta, efetua cálculos, faz inferências e interpreta os resultados obtidos, mostrando resultados e generalizações possíveis. Atentemos para o aspecto de separação do sujeito e do objeto,

do pesquisador e da teoria assumida, dos dados quantificados e cálculos efetuados que sustentam a generalização.

Uma pesquisa quali-quantitativa deveria focar o processo pelo qual a qualidade é reunida e contada. Esse é um procedimento genético, complexo e, conforme nosso entendimento, difícil de ser elaborado, pois requer investigação a respeito dos atos cognitivos e de compreensão existencial que se dão no processo genético de conhecimento. Revelaria, assim parece, o modo pelo qual construímos a unidade numérica. Outro modo de trabalhar quali-quantitativamente seria fazer uma pesquisa qualitativa, visando compreender as características do fenômeno investigado, em termos da interrogação levantada mediante procedimentos que trabalham com contextos e situações específicas. Caracterizados os aspectos que revelam a estrutura do fenômeno, querendo avançar a investigação em direção a um universo maior, podem-se tomar essas características para elaborar o instrumento de obtenção de dados e, então, proceder-se conforme as indicações da Estatística. A pesquisa quali-quantitativa poderia, ainda, dada uma interrogação, trabalhar com levantamento de aspectos apontados como relevantes pela teoria estudada, tomando-se uma quantidade de sujeitos — amostra — considerada satisfatória segundo a técnica estatística escolhida e com estudos qualitativos para investigar outras perspectivas que se anunciam como relevantes para a mesma interrogação.

A pesquisa qualitativa, como o nome já indica, trabalha com a qualidade. Qualidade do quê? Do objeto/observado, fenômeno/percebido? Com estas formulações estamos apontando pares que já anunciam posturas em relação ao modo de tomar um ou outro par para investigação.

O par objeto/observado indica uma postura de separação entre sujeito que efetua a observação e objeto observado. A busca é pela qualidade, tomada como já dada e pertinente ao objeto. É como se a qualidade fosse do objeto e se mostrasse passível de ser observada. Para tanto, seriam tomadas categorizações dessa qualidade e a observação seria dirigida por essa categorização. Assim procedendo, acabaríamos por cair no caso semelhante à mensuração ou contagem de qualidades. Como exemplos, poderíamos lembrar pesquisas efetuadas no campo da Psicologia, sobre valores, aprendizagem, motivação, personalidade, inteligência etc., quan-

do se toma o definido como aprendizagem, por exemplo, e caminha-se em direção de observar se o caracterizado nessa definição está presente em comportamentos do sujeito observado e, então, passa-se a interpretar os dados observados à luz da teoria em que a definição está contextualizada. Lembremos, entretanto, que não é apenas a Psicologia que procede desse modo, mas também a Linguística, Educação, Sociologia, Antropologia, disciplinas da Medicina etc. Ou seja, disciplinas notadamente humanas que assumem concepções positivistas as quais carregam a separação sujeito/objeto.

O par fenômeno/percebido indica que a qualidade é percebida, mostrando-se na percepção do sujeito. Há uma doação de aspectos passíveis de serem percebidos em modos próprios de aparecer. Por exemplo, a frieza do gelo é doada enquanto *frialdade*, querendo com isso dizer que, os modos de o fenômeno mostrar-se como frio solicitam possibilidades de quem percebe sentir a frieza de maneiras específicas; a vermelhidão do vermelho mostra-se em modos de o vermelho aparecer, solicitando para tanto, possibilidade de quem olha distinguir cores, luz etc. A inteligência de uma pessoa doa-se nas ações contextualizadas dessa pessoa, passíveis de serem percebidas em nuances de modos de proceder por aquele que percebe. Não há uma separação entre o percebido e a percepção de quem percebe, uma vez que é exigida uma correlação de sintonia, entendida como doação, no sentido de *exposição*, entre ambos. Nesta perspectiva não se assume uma definição prévia do que será observado na percepção, mas fica-se atento ao que se mostra. E a percepção *dá-nos 'verdades' como presença* (Merleau-Ponty, 1990), o que significa que a clareza do percebido dá-se pontualmente no momento do ato da percepção. Passado o momento, restam os atos da consciência — psicológicos, cognitivos, de juízo — que articulam o percebido, organizando-o e expressando-o em linguagem. Assim, o que se tem é a expressão do percebido expressado pela linguagem — falada, escrita, artística, mítica etc. É nesse aspecto que a descrição é básica para essa perspectiva de pesquisa. Uma vez expressado e comunicado, o percebido já não é do sujeito, mas está apresentado (dado) à comunidade, solicitando, então, procedimentos de análise e interpretação.

E aqui se abrem bifurcações possíveis resultantes de compreensão e de má compreensão do modo de verem-se os pares *fenômeno/percebido* e *objeto/observado*.

O par *fenômeno/percebido* caracteriza a concepção fenomenológica de realidade e de conhecimento e solicita que a descrição e o que expressa sejam analisados e interpretados, atentando-se para a ambiguidade própria da linguagem, dada a densidade de sentidos que ela transporta. Não se tem, *a priori*, um quadro de categorias de como se deve interpretar o relatado, mas há que se ficar atento ao rigor para não se cair prisioneiro do "achismo", pontificando-se sobre o que ali está dito a partir de visões particulares, quer sejam do próprio investigador, quer sejam de autores estudados. Porém, deve-se adentrar pelos meandros das possibilidades do dito no dizer, buscando-se sentidos transportados tradicionalmente pela palavra, no próprio texto da descrição e do seu contexto, e investigar-se outras características que se mostrarem relevantes ao pesquisador da perspectiva da interrogação formulada. A análise e a interpretação podem ou não ser conduzidas para articulações de sentidos manifestados, caminhando-se em direção a convergências/divergências e explicitação das compreensões que vão se constituindo. Não se obtém *verdades lógicas* sobre o investigado, mas indicações de seus modos de ser e de se mostrar. Obtêm-se generalidades expressas pelas convergências articuladas.

Esse modo de proceder vem ao encontro de discursos que criticam o cartesianismo e o positivismo, no que têm de determinante, categórico, objetivo e mensurável e é consonante com discursos que promulgam a inseparabilidade entre sujeito e objeto, a impossibilidade de se ter apenas um modo de ver o estudado, bem como com a relevância do contexto histórico, político e social em que o estudado se situa e com a impossibilidade de aprisionar-se o dito na linguagem em *caixas* de interpretação.

Entretanto, é comum encontrarem-se pesquisas que assumem, no discurso, a inseparabilidade do sujeito/objeto e demais aspectos apontados no parágrafo anterior, mas que acabam, por má compreensão da profundidade do *qualitativo*, tomando informações de autores e de teorias, para interpretar o dito nas descrições ou mesmo para interpretá-las de modo pragmático e paradigmático. Ou seja, não abrem a linguagem às interpretações possíveis de sentidos relevantes ao contexto investigação/

investigado e àqueles carregados na tradição transportada pela linguagem, mas efetuam interpretações diretas. Tem-se, desse modo, uma confusão entre o solicitado pelos dois pares, em termos de compreensão de visão da realidade do *objeto/fenômeno* e *observação/percepção*.

Postos os possíveis modos apropriados e confusos de trabalharem-se os pares *objeto/observação* e *fenômeno/percepção*, voltamos à questão da generalidade, generalização e transferibilidade dos achados da investigação, focando-a no modo de proceder qualitativamente.

Dada a característica da pesquisa qualitativa, o fenômeno investigado é sempre situado/contextualizado. Exploram-se as nuances dos modos de a qualidade mostrar-se e explicitam-se compreensões e interpretações. Sendo assim, os dados trabalhados não se permitem generalizar e transferir para outros contextos. Admitem apenas tecerem-se generalidades sustentadas por articulações efetuadas sucessivamente com os sentidos do que está sendo expresso. São pesquisas que permitem compreender as características do fenômeno investigado e que ao assim procederem dão oportunidade para abrirem-se possibilidades de compreensões possíveis quando a interrogação do fenômeno é dirigida a contextos diferentes daquele em que a investigação foi efetuada. Sustentam raciocínios articuladores importantes para tomadas de decisão políticas, educacionais, de pesquisa e aos poucos semeiam regiões de inquérito com análises e interpretações rigorosas.

Aspectos filosóficos a serem considerados

Até onde compreendemos o significado de pesquisa, que diz de se perquirir sobre o que nos chama a atenção e que nos causa desconforto e perplexidade, de modo atento e rigoroso, não há um modo correto ou certo de pesquisar-se. Isso significa dizer que não há um padrão de procedimentos a serem seguidos que garantam que a investigação seja bem-sucedida, dando-nos certeza sobre o encontrado, em termos científico-filosóficos. Também não há primazia, *a priori*, do qualitativo sobre o quantitativo e respectivos procedimentos de análise e de interpretação.

O que há são interrogações que indicam para onde o olhar se dirige, focando o fenômeno em suas perspectivas e modos de apresentar-se, dando-se a conhecer. E, estar-se ciente sobre o processo de quantificação que envolve percepções qualitativas evita que se tome a quantificação como tão somente objetivamente exata. Essa compreensão abre possibilidades de trabalhar-se com a quantificação olhando-a como uma modalidade de melhor conhecer-se o fenômeno investigado.

A interrogação é correlata ao interrogado e a quem interroga. Essa complexidade não pode ser ignorada ou menosprezada.

Ao falar que o interrogado — fenômeno — se doa em modos de aparecer, não estamos dizendo que há algo em si que decida se mostrar deste ou daquele modo. Chamamos a atenção para os modos de isso que interrogamos estar no mundo contextualizado em fisicalidades² específicas que têm a ver com *matéria-forma* e que não se aprisiona ao como se mostra em certo momento, pois também está em movimento, como em movimento está quem pergunta e a própria pergunta.

Sendo assim, a complexidade *interrogação-interrogado-quem interroga* há que ser ouvida, buscando compreender do que se trata a investigação em movimento. Assim, por exemplo, perguntas como: Que aspectos são importantes destacar em termos da interrogação formulada? Neste contexto, frente às condições atuais, devo dar relevância a quais aspectos do visto? Isso que interrogo, pode se mostrar de maneira apropriada quantitativa, qualitativa, quali-quantitativamente?

As considerações apresentadas indicam que a interrogação/pergunta/problema assume destaque na investigação filosófico-científica.

A interrogação

Afirmamos que pesquisar é perseguir uma interrogação em diferentes perspectivas, de maneira que a ela podemos voltar uma vez e outra

2. Por fisicalidades entendemos modos de realidades físicas estarem ao mundo, doando-se em materialidades que podem ser observadas, contadas etc.

ainda e mais outra... A interrogação se comporta como se fosse um pano de fundo onde as perguntas do pesquisador encontram seu solo, fazendo sentido. Ela persiste, ainda que a pergunta específica de um determinado projeto seja abordada, dando-se conta do indagado. A interrogação interroga. O que ela interroga? O mundo. Não o mundo em sua generalidade vazia, mas aspectos específicos do mundo que se mostram em suas fisicalidades pragmáticas, teóricas, tecnológicas. Ela se constitui no norte³ que dá direção aos procedimentos da pesquisa.

Entendemos que o ponto crucial da pesquisa é constituído pela interrogação e seu esclarecimento. Daí fazer sentido perguntarmo-nos constantemente *o que a interrogação interroga*.⁴ O movimento efetuado para dar conta dessa busca auxilia a focar o *o quê*, contribuindo para que pensemos reflexivamente no *como* proceder para corresponder ao indagado.

A interrogação é diferente da pergunta, que indaga, solicitando esclarecimento e explicitações; do problema, que explicita a pergunta, problematizando uma situação de maneira mais discursiva ou colocando as variáveis já determinadas que o constituem sob a forma de uma equação; da hipótese colocada sob suspeita, cuja confirmação ou negação fica por conta da pesquisa efetuada. Compreendemos que a interrogação subjaz a essas modalidades e que formular problemas, hipóteses e perguntas são maneiras de assumir perspectivas a partir das quais a interrogação será perseguida. Ela diz da perplexidade do investigador diante

3. Usamos "norte" para dizer de um ponto de referência que indica direção. Muitos pesquisadores de etnociência situados no hemisfério sul não aceitam a palavra 'norte', pois a vêem como sendo carregada de ideologia, cujo significado subjacente é valorar o norte em detrimento do sul. Nós entendemos que "norte" é uma convenção apenas e que se usássemos, como eles propõem "sulear" para os do hemisfério sul e "nortear" para os do hemisfério norte, precisaríamos contemplar também o oeste e o leste com oestear e lestear, e continuar com as especificações "leste mais ao norte" etc. Além disso, seria preciso antes de nos situarmos em termos da direção apontada, sabermos de que hemisfério o autor seria proveniente ou estaria situado geograficamente. Por vivermos em uma aldeia global, entendemos que precisamos nos valer de convenções ao dizermos que estamos nos referindo ao sentido de direção, e mais do que isso, para além das convenções, buscarmos no transporte dos sentidos das palavras os seus sentidos e significados.

4. Para o leitor que quiser aprofundar a questão concernente à interrogação, sugerimos a leitura de Heidegger (1988) como a inspiradora destas reflexões, e a de Kluth (2001), texto que já elabora os sentidos que se mostram em Heidegger olhados na perspectiva daqueles que, iniciando-se na produção de pesquisas, estão em busca de maior rigor em suas investigações.

do mundo, a qual se manifesta inclusive como força que o mantém alerta buscando, inquirindo, não se conformando com respostas quaisquer. As formas pelas quais a interrogação é explicitada são múltiplas e têm a ver com a própria formação do pesquisador e com sua concepção de mundo e de ciência. A interrogação persiste, muitas vezes, ao longo da vida do pesquisador⁵ ou mantém-se durante muito tempo com força que, como a *physis*,⁶ faz brotar e manter-se sendo.

Como afirmamos anteriormente, entendemos que mesmo para pesquisadores que trabalham com teorias tradicionalmente formuladas e constituídas, ou não tanto, no âmbito da qual formulam suas perguntas e hipóteses, há sempre uma interrogação que dirige seus olhares e opções, sustentando-os no movimento da investigação. Notamos que, em muitos trabalhos, certamente não daqueles de pesquisadores de ponta, há ausência de compreensão do significado da pergunta formulada, bem como das características da perspectiva da realidade em que se movimentam. Acreditamos que atenção a esses aspectos por parte dos próprios investigadores e formadores de pesquisadores é crucial para desdobramentos de posturas assumidas em termos de crença na certeza absoluta, evitando que se caia preso a posturas céticas niilistas, e, também, assumidas em termos de posições éticas e ideológicas, sustentadas naquelas pesquisas, entendendo-as como cientificamente corretas.

Possibilidades de pesquisar-se qualitativamente

A pesquisa qualitativa, conforme já anunciado em itens anteriores, admite um leque diversificado de procedimentos, sustentados por diferentes concepções de realidade e de conhecimento.

Neste livro, daremos destaque à pesquisa qualitativa que assume procedimentos, conforme as considerações acima postas no horizonte da

5. Como exemplo, citamos o caso de Edmund Husserl que, durante toda sua vida de estudioso, manteve-se perplexo diante da interrogação que formulou sobre a origem da Aritmética, depois, também explicitada como origem da Geometria (Husserl, 1970).

6. Ver Heidegger (2000).

visão de realidade e de conhecimento que vem sendo trabalhada e dada ao mundo por pensadores que têm sido denominados fenomenólogos, incluindo seu mentor maior e iniciante, Edmund Husserl, e estudiosos que, embora dissidentes do pensar de seu mestre, não se distanciaram de ideias nucleares desse modo de ver o mundo, como Heidegger, Gadamer, Merleau-Ponty, para ficarmos entre os que viveram em uma época mais próxima àquela em que Husserl viveu.⁷ Com essa afirmação, queremos dizer que na atualidade, ou seja, das décadas de 1980 para o momento atual, 2011, há autores cujas trajetórias filosóficas se movimentam no solo das ideias fenomenológicas, avançando em termos de trabalhar com a complexidade mediante a qual nossa realidade mundana se mostra. Para exemplificar, dentre brasileiros citamos Paulo Freire e dentre aqueles oriundos de outros países, Ricoeur e Foucault.

Nosso compromisso é trazer modos de proceder qualitativamente, baseados em estudos efetuados pelo grupo de pesquisa do qual participamos⁸ e nas produções já apresentadas e defendidas publicamente. Desse modo, nosso objetivo, neste livro, não é apresentar uma seleção resumida embora abrangente, de procedimentos de investigação qualitativa, informando sobre suas características e possibilidades,⁹ porém, expor procedimentos desenvolvidos, tendo como solo visão de realidade e de conhecimento assumidos pela Fenomenologia, no contexto da realidade que se mostra no encontro interrogação/interrogado/pesquisador.

7. Edmund Husserl nasceu em 1859 e morreu em 1938.

8. Participamos de modo assíduo, colaborando com a produção do conhecimento, de dois grupos. O primeiro, e que podemos entender como o núcleo disseminador de estudos fenomenológicos e de procedimentos de pesquisa qualitativa efetuada nesse enfoque, constituiu-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a coordenação e orientação do professor Joel Martins, já na passagem da década de 1970 para a década de 1980. Esse grupo manteve-se atuante até o falecimento de seu criador, em 1993. O segundo grupo, constituído na Universidade Estadual Paulista — Unesp —, campus de Rio Claro, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, na segunda metade dos anos de 1980, coordenado e orientado por Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Teve como foco a pesquisa em Educação Matemática e buscou compreender Matemática e Educação, fenomenologicamente, bem como trazer para essa região de inquérito modos de pesquisar qualitativamente assumindo a postura fenomenológica. Este segundo grupo é o FEM — Fenomenologia e Educação Matemática, <www.sepq.org.br>.

9. Há muitos livros que atendem excelentemente a esse objetivo, como Bogdan e Biklien (1994), Guba e Lincoln (1985), dentre outros.

Focaremos, ao longo do livro, pesquisas cujas interrogações perguntam pelo *o quê* do fenômeno focado, solicitando procedimentos que entendemos, à luz da literatura estudada, como evidenciando o estruturante do fenômeno. Neste caso, trabalhamos com reduções sucessivas, porém, entendemos, na historicidade da produção do grupo, que é preciso considerar o enxerto hermenêutico, já mencionado por Heidegger (1988) e trabalhado também por Ricoeur (1978), para abrirmos possibilidades de compreensões dos sentidos conduzidos pela linguagem mediante a qual os sujeitos da pesquisa expressavam suas vivências. Há pesquisas que focam o *como*, solicitando atenção ao tempo vivido nas vivências dos sujeitos investigados. Neste caso, também se obtêm relatos/descrições das experiências vividas, tanto por meio de depoimentos falados, gravados e transcritos, como por meio de filmagens em vídeo, dentre outras possibilidades. Esses modos de obterem-se as descrições trazem questões importantes para os procedimentos. No primeiro caso, o pesquisador se debruça sobre o texto escrito oriundo da fala (gravada, escrita) e procede mediante leituras atentas, com a intenção de destacar o que de importante, em relação à interrogação, está sendo dito. Desdobra a pesquisa em análises de sentidos/significados que se doam à compreensão mediante idas e vindas ao que o depoente diz, ao seu contexto de vida, à polissemia das palavras, de maneira que no movimento das reduções efetuadas, ocorre a abertura para a complexidade dos significados, preparando a análise hermenêutica. O segundo caso, concernentes à filmagem de situações, a descrição apresenta aspectos qualitativos diferenciados, uma vez que a linguagem mediante a qual a descrição se dá à análise se expressa pela oralidade e pela intencionalidade do corpo-próprio, expondo-se em gestos, ações, movimentos cujo sentido se compreende no contexto da cena, em que estão figura e fundo, portanto, o sujeito, cossujeitos e tema trabalhado que sustenta a cena. Para nós foi desafiador trabalhar com dados obtidos desse modo, de maneira a preservar a riqueza dos diálogos entre sujeitos, que, por exemplo, em ambiente de aprendizagem onde estão presentes alunos e professores, dão-se concomitantemente e em diferentes linguagens. A maneira pela qual enfrentamos esse desafio e respectivas concepções assumidas no desenrolar das investigações é exposta no Capítulo 6, escrito por Detoni e Paulo. Apresentamos, também,

no Capítulo 5, escrito por Kluth, modos de construir redes de significações mostrando sentidos que se enredam uns nos outros, como se fossem camadas de sentidos não apenas superpostos, mas cujos tentáculos interpenetram uns sentidos em outros, evidenciando a nucleação de significações que vão sendo articuladas em *categorias abertas* que se doam à interpretação. Há pesquisas que perguntam por significados transportados em textos historicamente situados, sejam eles documentos institucionais, sejam textos filosófico-científicos. Essa modalidade de pergunta solicita que o pesquisador direcione sua atenção para o discurso do texto, lido e interpretado à luz da interrogação posta. As nuances de modos qualitativos de proceder se mostram, indicando percursos. Uma interrogação dirigida, por exemplo, ao projeto pedagógico de um curso, perguntando sobre o que é esse projeto, em termos de concepções de arte, ciência e tecnologia, de educação, de ideologia etc., pede que tomemos o documento que traz esse projeto, analisando-o apoiados em procedimentos hermenêuticos e lendo-o por entre as articulações efetuadas no próprio movimento de investigar. Esta modalidade de proceder às análises é exposta no Capítulo 7 escrito por Bicudo, Mocrosky e Baumann. Entretanto, compreendemos ser importante, antes de expor os capítulos que trazem as modalidades anunciadas de pesquisa qualitativa que assume a visão fenomenológica de realidade e de conhecimento, esclarecer, ainda que de maneira resumida, o que isso significa. Esse é o tema do Capítulo 2.

Referências bibliográficas

- BICUDO, M. A. V. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 7-26, 2005.
- _____. Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica. In: BORBA, M. C.; ARAUJO, J. L. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 99-112. (Col. Tendências em Educação Matemática.)
- _____. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, M. A. V.; PAULO, R. M. *Um exercício filosófico sobre a pesquisa em Educação Matemática no Brasil*, 2009. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/trabalhos/30/mariaaparecidalista.html>>. Acesso em: 29 maio 2010.

BOGDAN, R.; BIKLIEN, S. *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

GHIGI, N. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, Belo Horizonte, n. 4, p. 48-60, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. *Naturalistic inquiry*. London: Sage Publications Inc., 1985.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução M. S. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

_____. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do lógos*. 2. ed. Tradução M. S. C. Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HUSSERL, E. *The crisis of European science and transcendental phenomenology*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

KLUTH, V. S. Dos significados da interrogação para a investigação em Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro, ano 14, n. 15, p. 69-82, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.

ROTH, W. M. *Doing qualitative research — praxis and method*. The Netherlands: Sense Publishers, 2005.

Capítulo 2

Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica*

É importante expor o que compreendemos por “assumir a pesquisa qualitativa em uma abordagem fenomenológica”, antes de apresentar os capítulos que trazem as modalidades anunciadas de pesquisa qualitativa.

Fenomenologia¹ é uma palavra composta pelos termos *fenômeno* mais *lógos*. Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e *lógos* diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação e, em consequência, de retenção em pro-

* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo, professora titular de Filosofia da Educação da Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.

1. Edmund Husserl é tido como o “criador” da Fenomenologia. Nasceu em Prossnitz, na Morávia, no antigo Império Austríaco (hoje Prostejov, na República Checa), em 8 de abril de 1859, e morreu em Freiburg, em 27 de abril de 1938. A fim de completar seus estudos de Matemática, iniciados nas universidades alemãs, foi, em 1884, para Viena, onde, sob a influência de Franz Brentano, tomou consciência de sua vocação filosófica. Em 1887, Husserl, que fora judeu, converteu-se à Igreja Luterana. Ensinou Filosofia, como livre-docente, em Halle, de 1887 a 1901; em Göttingen, de 1901 a 1918; e, em Freiburg, de 1918 a 1928, quando se aposentou. Na raiz do pensamento de Husserl encontram-se as seguintes influências principais: Franz Brentano e, por seu intermédio, a tradição grega e escolástica; Bolzano, Descartes, Leibniz, o empirismo inglês e o kantismo.